



CATEGORIA: EXPERIÊNCIAS DOCENTES E DISCENTES

Desafios e implicações da pandemia de COVID-19 no ensino de graduação em Enfermagem

Challenges and implications of the covid-19 pandemic in undergraduate nursing education

Desafíos e implicaciones de la pandemia covid-19 en la educación de enfermería de pregrado

Jaqueline Almeida Guimaraes Barbosa*

RESUMO

A pandemia trouxe inúmeros desafios para a continuidade do ensino dos cursos da saúde que realizam o ensino clínico em serviços de saúde, os quais, pelo alto risco de transmissão do vírus e escassez de equipamentos de proteção individual, restringiram o acesso de alunos e docentes. O objetivo deste artigo foi descrever a experiência vivenciada na condução do ensino de Enfermagem face aos desafios impostos pela pandemia de COVID-19. O ensino remoto foi a alternativa possível para a retomada das aulas mediante a necessidade do afastamento social, tendo exigido a reformulação dos planos de ensino considerando novas metodologias e estratégias de avaliação. Materiais didáticos eletrônicos foram priorizados. Docentes e discentes tiveram que aprender a lidar com novas ferramentas e plataformas digitais para aulas síncronas e assíncronas. As aulas práticas do ciclo básico foram ofertadas de forma remota. Atividades de ensino em hospitais foram possíveis exclusivamente para alunos do último ano, ficando as dos períodos intermediários parcialmente oferecidas no formato remoto, e parte postergadas para um momento seguro. A pandemia ocasionou mudanças abruptas e o incremento de muitos conhecimentos novos, reforçando a importância de se desenvolver, nos estudantes, habilidades como adaptabilidade, cooperação, e criatividade para lidar com situações complexas. São recomendados estudos de avaliação sobre a experiência do ensino remoto emergencial e esforços serão necessários em prol de se reparar possíveis perdas. Acredita-se que a experiência também deixará inovações, como o ensino híbrido e avanços no uso de simulação realística, assim como uma maior valorização do Sistema Único de Saúde e da Enfermagem.

Palavras-chave: Educação em Enfermagem. Educação Superior. Infecções por coronavírus. Pandemias.

* Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento de Enfermagem Básica da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Email: jaqueline@tak.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9175-0055>.

ABSTRACT

The pandemic has brought numerous challenges for the continuity of the teaching of undergraduate health courses that perform clinical education in health services, which, because of the high risk of transmission of the virus and scarcity of personal protective equipment, restricted the access of students and teachers. The aim of this article was to describe the experience experienced in conducting nursing education in the face of the challenges posed by the COVID-19 pandemic. Electronic teaching materials were prioritized. Teachers and students had to learn how to deal with new digital tools and platforms for synchronous and asynchronous classes. The practical classes of the basic cycle were offered remotely. Teaching activities in hospitals were possible exclusively for students of the last year, being those of the intermediate periods partially offered in the remote format, and postponed part for a safe moment. The pandemic caused abrupt changes and the increase of many new knowledge, reinforcing the importance of developing skills such as adaptability, cooperation, and creativity in students to deal with complex situations. Evaluation studies on the experience of remote education are recommended, and efforts will be needed to repair losses as much as possible. It is believed that the experience will also leave innovations, such as hybrid teaching and advances in the use of realistic simulation, as well as a greater appreciation of the Unified Health System and Nursing.

Keywords: Nursing Education. Higher Education. Coronavirus infections. Pandemics.

RESUMEN

La pandemia ha traído numerosos desafíos para la continuidad de la impartición de cursos de salud que realizan educación clínica en los servicios de salud, que, debido al alto riesgo de transmisión del virus y la escasez de equipos de protección personal, restringieron el acceso de estudiantes y docentes. El objetivo de este artículo fue describir la experiencia experimentada en la realización de la educación de enfermería frente a los desafíos impuestos por la pandemia de COVID-19. La educación a distancia fue la posible alternativa para la reanudación de las clases debido a la necesidad de licencia social, requiriendo la reformulación de los planes de enseñanza considerando nuevas metodologías y estrategias de evaluación. Se priorizaron los materiales didácticos electrónicos. Profesores y alumnos tuvieron que aprender a lidiar con nuevas herramientas y plataformas digitales para clases síncronas y asíncronas. Las clases prácticas del ciclo básico se ofrecían de forma remota. Las actividades docentes en los hospitales fueron posibles exclusivamente para los alumnos del último curso, siendo las de los periodos intermedios las ofertadas parcialmente en el formato remoto, y se aplazó parte para un momento seguro. La pandemia provocó cambios bruscos y el aumento de muchos nuevos conocimientos, reforzando la importancia de desarrollar habilidades como la adaptabilidad, la cooperación y la creatividad en los estudiantes para hacer frente a situaciones complejas. Se recomiendan estudios de evaluación sobre la experiencia de la educación a distancia, y se necesitarán esfuerzos para reparar las pérdidas tanto como sea posible. Se cree que la experiencia también dejará innovaciones, como la enseñanza híbrida y los avances en el uso de la simulación realista, así como una mayor apreciación del Sistema Único de Salud y la Enfermería.

Palabras clave: Educación de Enfermería. Educación Superior. Infecciones por coronavirus. Pandemias.

INTRODUÇÃO

“A inteligência é o que você usa quando não sabe o que fazer.”
Piaget

Desde o dia em que foi decretada a situação de pandemia da COVID-19 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em março de 2020, autoridades de vários países e instituições iniciaram a implementação de medidas de contenção do contágio pelo Sars-coV-2. Aulas presenciais foram interrompidas em todas as instituições de ensino públicas e privadas do país mediante a necessidade de afastamento físico, também chamado de distanciamento social, visando reduzir o risco de transmissão entre professores, estudantes e funcionários técnico-administrativos. Docentes e discentes tiveram que se ausentar subitamente das escolas lá

deixando objetos essenciais à continuidade de suas atividades, sem previsão de quando se daria o retorno. A expectativa inicial, naquele momento, era de que a ‘quarentena’ durasse em torno de 14 dias, ou talvez um pouco mais (HODGES *et al.*, 2020; VENTURA *et al.*, 2020; ESTELLÉS; FISCHMAN, 2020).

Características específicas da formação universitária, como o amplo uso de aulas em laboratórios e em serviços, tornaram o retorno do ensino dos cursos de graduação mais difícil. Nas universidades públicas, deparou-se com dificuldades de muitos alunos para conseguir acompanhar as aulas virtuais no domicílio. Foi preciso aguardar até que estivesse assegurado a todos meios e condições para acompanhar as aulas remotas em casa. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), esta situação foi contornada mediante apoio financeiro disponibilizado aos estudantes que necessitavam deste para aquisição de equipamentos e/ou internet de qualidade. Além disso, foi ofertado apoio especializado voltado aos alunos com deficiência e que tivessem necessidades especiais para acompanhamento das aulas remotas (ARRUDA, 2020; COUTO; COUTO; CRUZ, 2020).

Na área da saúde, a retomada do ensino foi ainda mais desafiadora, uma vez que os cursos são constituídos de muitas aulas práticas consideradas essenciais para a formação de qualidade, não só em laboratórios, mas também em serviços de saúde. Essas ficaram impossibilitadas de serem ofertadas diante da escassez de equipamentos de biossegurança; das altas taxas de contaminação de profissionais de saúde e risco de morte, especialmente enfermeiros; da falta de leitos e insumos para tratamento intensivo dos pacientes em estado grave; e do desconhecimento das formas de tratamento da doença, o que persistiu ao longo do primeiro ano da pandemia (TEIXEIRA *et al.*, 2020).

Exceções foram autorizadas mediante portarias e pareceres publicados pelo governo brasileiro com o intuito de propiciar a antecipação da colação de graus de discentes concluintes de alguns cursos, como Medicina e Enfermagem, desde que estivessem nos últimos anos do curso. Isso se deu a fim de favorecer a entrega de profissionais de saúde para atuar no enfrentamento da pandemia, o que era também essencial naquele momento em que faltavam profissionais. Salienta-se que muitos foram afastados por terem algum fator de risco, e outros por adoecimento mental diante da sobrecarga e precarização do trabalho, além da contaminação pela COVID-19, ao passo em que se fazia urgente ampliar a oferta de leitos (BRASIL, 2020a; TEIXEIRA *et al.*, 2020).

A pandemia ocasionou significativas mudanças na sociedade, afetando as formas de viver, trabalhar e se relacionar, dentre outros, em curto período de tempo. As áreas da educação e da saúde foram profundamente impactadas, requerendo de todas as pessoas nelas envolvidas adaptabilidade, criatividade, cooperação e compreensão para enfrentar tal realidade completamente atípica, imprevisível, instável e desestruturante. Este artigo teve como objetivo de descrever a experiência vivenciada na condução do ensino de Enfermagem face aos desafios impostos pela pandemia de COVID-19. Espera-se, além de registrar as peculiaridades do momento vivido, propiciar reflexões que contribuam para se pensar em formas de mitigar os danos decorrentes do período, e em possibilidades de avanços na formação profissional, com destaque para o uso das tecnologias de comunicação.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

A experiência se deu enquanto subchefe de um departamento do curso de Enfermagem de universidade pública durante o período da pandemia, atuando na gestão de aproximadamente 25 docentes e 23 disciplinas, entre obrigatórias e optativas. O artigo foi produzido a partir de registros diários realizados com notas de temáticas tratadas, impressões, e observações das inúmeras reuniões realizadas com os docentes e órgãos institucionais, como a Câmara Departamental, o Colegiado de Graduação e o Núcleo Docente Estruturante. Foi subsidiado, também, pelas afetações da autora, como docente, ao vivenciar muitas dificuldades e desafios para ensinar neste novo contexto, bem como ao se deparar com novas possibilidades que se apresentaram para a formação de futuros enfermeiros, e que poderão ser mantidas no pós-pandemia.

Desafios impostos pela pandemia de COVID-19 na graduação em Enfermagem

O ‘ensino remoto emergencial’ (ERE) foi a solução encontrada pelas universidades públicas brasileiras para que as aulas pudessem ser retomadas após mais de 130 dias de paralisação, mediante um contexto de imprevisibilidade para se oferecer aulas presenciais, e diante da necessidade de manutenção de medidas de contenção da pandemia. O ERE refere-se a uma alternativa temporária para a situação de excepcionalidade vivenciada, tendo demandado, pelas suas especificidades, a reformulação dos planos de ensino das disciplinas. As ementas foram mantidas como previstas no projeto pedagógico dos cursos de graduação, ajustando-se os objetivos, conforme possíveis, para as circunstâncias vivenciadas.

Os docentes se depararam com a necessidade de pensar em novas e variadas estratégias metodológicas de ensino-aprendizagem para utilizar em aulas síncronas e assíncronas. Foi recomendado pela Instituição que as atividades assíncronas fossem priorizadas a fim de favorecer tanto o trabalho dos docentes quanto o acompanhamento pelos universitários, os quais também vivenciavam uma grande mudança em suas rotinas diárias. Neste momento, todos acumulavam em seu fazer diário medidas de autocuidado para a prevenção da contaminação pelo novo coronavírus, o trabalho doméstico e cuidado com os filhos ou idosos, dentre outros.

Fez-se necessário repensar o ensino focando nos conteúdos mais essenciais a serem ensinados, com aulas virtuais com tempo de duração mais curto se comparado ao ensino presencial para que não ficassem cansativas e atenção fosse mantida, tempo esse, variável conforme a metodologia utilizada. Os docentes tiveram que preparar novas aulas, uma vez que aquelas previamente elaboradas para o ensino presencial não se encaixavam neste novo formato. O ERE exigia a utilização de estratégias ainda mais diversificadas na sua composição, uma vez que recursos tradicionalmente adotados em aulas presenciais estariam dificultados, como o uso da lousa, dentre outros. Os professores se viram desafiados, dentre outros, a gravar videoaulas em seus domicílios e com recursos próprios (PADILHA; ZABALZA, 2016; PINTO; LEITE, 2020; PIMENTEL; CARVALHO, 2020).

O corpo docente teve que aprender a lidar com inúmeras novidades tecnológicas, como novas plataformas e ferramentas, sem dispor de amparo adequado para esta aprendizagem, uma vez que as capacitações também só eram possíveis de ocorrer virtualmente, o que se deu

por meio de tutoriais e cursos virtuais. Tudo isso exigiu dos mesmos intensa dedicação e criatividade, tendo sido uma situação geradora de estresse pela velocidade com que acontecia e pelas dificuldades em lidar com tantas mudanças e novas tecnologias praticamente sozinhos.

Além disso, os professores tiveram que priorizar o uso de materiais didáticos disponíveis eletronicamente e de forma gratuita, uma vez que as bibliotecas também foram fechadas e ainda não se dispunha de e-books para consulta *on-line*. Sites e recursos como filmes e vídeos de domínio público passaram a ser mais explorados como estratégia de ensino, e até *podcasts* começaram a ser criados como recurso de ensino-aprendizagem. Grupos de WhatsApp e fóruns tornaram-se alternativas propiciadoras da interação com os alunos.

Oficinas foram promovidas pela Instituição de ensino visando auxiliar aos docentes quanto a explorar de forma mais ampliada os variados recursos já disponíveis na plataforma utilizada pelos docentes, denominada *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (Moodle)*, recursos estes até então desconhecidos ou subutilizados pelos mesmos. A aplicação de metodologias ativas no ensino remoto foi uma temática abordada em *webinars* institucionais que passaram a ocorrer de forma sistematizada voltado a todos os docentes da universidade.

Novas formas de avaliação da aprendizagem e do alcance das competências esperadas foram preconizadas pela Instituição, considerando-se a realidade do distanciamento físico. Estas deveriam ser mais distribuídas ao longo do processo de ensino, com avaliações de menor valor, sendo que todas as atividades dos discentes deveriam ser valorizadas, o que também aumentou o tempo de dedicação ao trabalho dos docentes. A assiduidade passou a ser verificada mediante a entrega das atividades propostas, e não mais pela ‘presença’ nas aulas, seguindo as portarias publicadas pela universidade (ARRUDA, 2020; COUTO; COUTO; CRUZ, 2020). O calendário escolar foi totalmente alterado em decorrência da pandemia, com finalização do primeiro semestre letivo do ano no início de novembro, e início do segundo após 21 dias de intervalo.

Cabe pontuar que durante o período em que as aulas estiveram paralisadas, muito trabalho foi realizado na Universidade, especialmente em relação à gestão do ensino. As orientações dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) foram mantidas e, em muitas situações, até antecipadas. Contudo, em alguns casos, as pesquisas relacionadas aos TCC tiveram que ser modificadas, uma vez que coletas de dados em serviços de saúde foram suspensas em detrimento do afastamento social.

Cerimônias de colação de grau para discentes concluintes que atendiam aos critérios de flexibilização elaborados face à pandemia só foram possíveis de serem realizadas virtualmente. Nesses critérios passou-se a considerar, dentre outros, a carga horária dedicada a atividades de extensão e em cursos realizados, bem como em estágio extracurricular, como horas de ensino (BRASIL, 2020a).

Atividades de pesquisa e extensão possíveis de serem realizadas remotamente continuaram ocorrendo ao longo de todo o período. Apesar da inviabilidade de continuidade de muitos projetos pelo risco de contaminação, novos projetos de pesquisa e extensão foram criados por docentes dos diferentes cursos, e não só pela área da saúde, voltados para o enfrentamento da pandemia em variadas frentes de atuação. Cursos de extensão voltados para a capacitação de profissionais de saúde e discentes foram ofertados pelos docentes de forma virtual e gratuita, e investigações foram desenvolvidas visando compreender os reflexos da pandemia na vida e na saúde de pacientes, profissionais e da sociedade. Além disso,

projetos propiciaram o atendimento da população acometida por meio do teleatendimento, somando forças ao sistema de saúde tão sobrecarregado.

Eventos tradicionais do curso foram ofertados virtualmente, como a ‘Semana da Enfermagem’ dentre outros, quando se discutiu a atuação da profissão face à pandemia e todas as implicações na categoria. Foi dada continuidade às comemorações do Bicentenário de Florence com a realização de *lives*, até então bastante incipientes como estratégia de interação com os discentes. Tais eventos só foram possíveis mediante o suporte dos profissionais da comunicação. A participação da comunidade acadêmica nesses eventos foi expressiva.

O curso de Enfermagem vivenciou desafios enormes por ser um curso com muitas aulas práticas, consideradas essenciais para a formação profissional. Parte significativa destas atividades ocorriam em hospitais e em unidades básicas de saúde, locais de alto risco de transmissão do vírus, o que significaria expor docentes e discentes ao vírus Sars-Cov-2, bem como seus familiares. Assim, a retomada das aulas remotas se deu contemplando o conteúdo teórico, ficando parte das práticas postergadas para ser ofertada em momento seguro, e parte adaptada para o formato remoto, diante do contexto epidemiológico. O percentual de carga horária prática postergada variou para cada disciplina, considerando os objetivos e peculiaridades de cada uma. Assim, parte das aulas práticas foram desenvolvidas de forma remota, adotando-se estratégias como estudos de caso e situações de simulação da prestação da assistência inclusive com familiares, no próprio domicílio (como exame físico, entrevistas), exibição e discussão de vídeos sobre procedimentos técnicos, dentre outros. Nas discussões virtuais, os docentes davam exemplos dos cenários de prática, colocando situações problemas do cotidiano para a reflexão dos discentes, e para que apresentassem soluções.

Somente aos estudantes concluintes foi possibilitado retomar as atividades do estágio nos hospitais, seguindo as regulamentações governamentais, o que exigiu planejamento cuidadoso e muitas negociações com os campos de prática visando assegurar a proteção e monitoramento dos envolvidos (BRASIL, 2020b). Um dos pré-requisitos para isto foi que os discentes estivessem capacitados para o contexto pandêmico, o que foi assegurado pela escola de Enfermagem. A Instituição propiciou também os Equipamentos de Proteção Individual (EPI) necessários para o ingresso nos campos de práticas, alguns dos quais obtidos por meio de doação. Neste momento, a vacinação ainda não era uma realidade, tendo vindo a se concretizar apenas em maio de 2021, praticamente 15 meses após o início da pandemia, quando foram priorizados os profissionais de saúde e discentes em campos de prática. Além disso, a Universidade criou mecanismos de monitoramento dos profissionais que precisavam realizar alguma atividade presencial, com registros de casos suspeitos e confirmados, conduzindo para o afastamento social quando necessário.

A impossibilidade e imprevisibilidade em ministrar aulas em laboratório e em serviços de saúde para os discentes dos demais períodos foi geradora de muitos debates entre os docentes e os órgãos colegiados. Nesses debates, a participação de representantes discentes era assegurada, os quais manifestavam seus medos e preocupações quanto a prejuízos na sua formação. Destaca-se que todas as decisões tomadas se deram de forma compartilhada, tendo sido muito difíceis e geradoras de sofrimento moral por parte de muitos docentes. Era sabido que a postergação das atividades geraria impactos na condução dos semestres subsequentes, com implicações inclusive para os discentes, que ficariam com carga horária extensa a cursar. Muitos discentes acabaram intensificando matrículas em disciplinas optativas a fim de evitar o acúmulo de carga horária a compensar no futuro. Os docentes também tiveram

seus encargos docentes reduzidos nesse período, diante da impossibilidade de se ofertar as disciplinas como acontecia no período anterior à pandemia.

Os estudantes também passaram pelo desafio de aprender a utilizar novas plataformas e ferramentas de aprendizagem, sendo que muitos se adaptaram com facilidade, tendo, outros, apresentado dificuldades no aprendizado. Eles puderam contar com apoio do Programa de Tutoria já existente, bem como com atendimento psicológico também já ofertado pela Instituição. A quantidade de mudanças ocorridas em tão pouco tempo e as dificuldades de comunicação decorrentes do distanciamento físico ocasionaram ansiedade em muitos discentes, assim como em docentes, bem como fadiga, frequentemente manifestado por eles nas reuniões. Tudo isso se deu dentro de um contexto político e socioeconômico adverso, com impactos em toda a sociedade não só na saúde, mas também na esfera social e econômica, com significativa perda de postos de trabalho e renda, configurando uma sindemia.

Essa realidade tão desafiadora exigiu ampla disponibilidade dos docentes em cargos de gestão e esforço coletivo e individual de todo o corpo docente, com avaliações minuciosas da viabilidade e consequências de cada decisão a ser tomada, bem como criatividade, flexibilidade e iniciativa para propor e incorporar mudanças. A comunicação ficou bastante dificultada e foi mantida por meio de ligações telefônicas e reuniões virtuais, além de troca de inúmeras mensagens por e-mail e WhatsApp, sendo que o volume expressivo acabou por dificultar a gestão das informações. Reuniões tornaram-se recorrentes, tanto entre gestores e corpo docente, como entre os docentes de uma mesma disciplina e períodos afins, abordando questões específicas, mas também discutindo a aprendizagem de forma geral, havendo uma unanimidade de que nada seria equivalente ao ensino presencial. Os impactos na aprendizagem estão sendo monitorados ao longo do processo e serão avaliados de forma mais minuciosa ao término do período, tendo como base o alcance das competências e habilidades esperadas para a formação do enfermeiro conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação na área (BRASIL, 2001).

Implicações da vivência da pandemia de COVID-19 para a formação de profissionais enfermeiros no futuro

Se por um lado a pandemia fez pessoas sentirem-se enfraquecidas e diminuídas diante das incertezas e do risco iminente de morte, concomitantemente ela ‘impôs’ uma necessidade de se adaptar e em inovar jamais vivenciada antes. O período foi marcado por grande sobrecarga emocional com notícias diárias de uma prevalência crescente de pessoas infectadas e mortas, sem possibilidade de velório. Dentre os mortos, um quantitativo expressivo de profissionais da Enfermagem, o que desencadeou movimentos nacionais em prol de melhores condições de trabalho para a categoria, voltados para questões de descanso digno, obtenção de piso salarial e redução da jornada de trabalho, os quais encontravam-se em tramitação ao término da redação deste relato.

A atuação da Enfermagem nunca foi tão exaltada na mídia, vista ao longo da pandemia como verdadeiros ‘heróis’. A profissão ganhou ampla visibilidade em decorrência da coragem e dedicação aos pacientes contaminados. A prática profissional dos enfermeiros tornou-se amplamente ‘conhecida’ pela sociedade. Relato de profissionais da linha de frente manifestando seus sentimentos de medo, cansaço, dedicação e privação do contato com familiares foram exibidos diariamente em telejornal de ampla audiência ao longo de muitos meses.

Lives com cantores famosos foram publicadas nas redes sociais homenageando enfermeiros, assim como palmas foram ouvidas das janelas dos prédios para os mesmos, evidenciando o reconhecimento social pelo trabalho desempenhado por estes trabalhadores mesmo diante de tamanho risco para com a própria vida. Esta valorização poderá contribuir para incrementar o interesse pela graduação na Enfermagem, e com isso para ampliar a força de trabalho na área, o que já era uma necessidade mundial prevista mesmo antes da pandemia, conforme apontado pela Organização Mundial da Saúde. Além disso, poderá contribuir para com a aprovações das solicitações em prol das melhores condições de trabalho da categoria.

A necessidade de obter conhecimentos atualizados intensificou a busca pelo aprendizado de forma autônoma, principalmente pelos profissionais da linha de frente da área da saúde. As medidas de biossegurança, por exemplo, passaram por grandes modificações no período, tendo sido incorporada a utilização de novos equipamentos de proteção individual, como o *face shield*. Docentes e discentes se depararam com muitos cursos e eventos oferecidos de forma gratuita e *online*, o que irá contribuir para com a premissa do ‘aprender a aprender’, conduta essencial para os egressos ao longo de sua vida profissional.

Webinars foram ofertados a todo momento, com acesso livre, discutindo cada momento pelo qual passava a Enfermagem em todo o Brasil, com participação de profissionais de todo o território nacional, e também internacional. A discussão do fazer profissional, antes ocorrida essencialmente em salas de aula ou em ambientes privados, tornara-se ‘ampliada’, permitindo a inserção simultânea de discentes, docentes e profissionais de variadas instituições e regiões do Brasil, compartilhando as singularidades da situação vivenciada nas diferentes localidades, cada qual com suas dificuldades, limitações e fortalezas.

A quantidade de *papers* divulgados sobre a temática da COVID-19 no período foi expressiva, sendo que a linguagem científica passou a compor o cotidiano da sociedade de forma mais intensa, em uma sociedade ávida pela descoberta de uma vacina. A ciência ganhou ampla visibilidade e reconhecimento social, apesar da ampla circulação de inúmeras *fake news* que questionavam sua credibilidade, e se apresentaram como um significativo entrave a ser trabalhado pelos profissionais de Saúde.

O aproveitamento de todas as ‘oportunidades’ decorrentes da pandemia exigiu, contudo, maior protagonismo e foco para com a própria aprendizagem e gestão do tempo. Mesmo que com intensidade diferente, a magnitude da ‘crise’ sem precedentes vivenciada, não só na saúde pública, mas também no ensino, fez a todos ‘reinventar-se’. Foi preciso desenvolver novas formas de aprender, de ensinar, de ser e de relacionar.

Cabe citar a situação ocorrida dos hospitais gerais, os quais, em sua maioria, ficaram esvaziados para os atendimentos corriqueiros diante do medo dos pacientes em contrair COVID-19. Cirurgias eletivas foram canceladas a fim de liberar leitos e equipamentos para pacientes com a COVID-19. Por outro lado, o acompanhamento dos agravos crônicos à saúde ficou comprometido, e a interrupção das cirurgias acabou por gerar uma demanda reprimida a ser atendida quando possível for, além de que poderão vir a procurar pelos serviços já estando em fase mais avançada das doenças.

O teleatendimento ganhou espaço e fortaleceu-se, principalmente na utilização do atendimento aos pacientes com COVID-19, o que se acredita que permanecerá ao término da pandemia, diante de seu alcance, mas não de forma exclusiva, e sim associada ao atendimento presencial, de forma intercalada. Já o hospital de campanha, que funcionaria inclusive com a colaboração dos docentes da universidade, acabou não sendo utilizado em nenhum dia em Belo Horizonte, com desperdício significativo de recursos investidos na sua montagem e

manutenção mesmo sem uso. Esta situação precisará ser posteriormente discutida de forma multiprofissional e intersetorial considerando as possibilidades de novas pandemias e a complexidade dessas situações. Cabe considerar que os noticiários mostravam as Unidades de Pronto Atendimento (UPAs) extremamente sobrecarregadas. Outro aspecto que deverá compor as discussões dos profissionais em formação é acerca das dificuldades vivenciadas para se adquirir insumos como ventiladores e testes diagnósticos, medicamentos e equipamentos de proteção individual (EPIs), evidenciando uma dependência de importação a ser superada pelo país.

De forma geral, o Sistema Único de Saúde (SUS) teve sua importância destacada em todos os níveis de atenção à saúde, e principalmente quando a vacinação se tornou realidade, cabendo ao setor vacinar toda a população brasileira com mais de uma dose, com diferentes vacinas, neste país de dimensões continentais. Todavia, ações de 'educação para a saúde' tão essenciais para o enfrentamento de uma pandemia ocorreram mais por iniciativa da mídia do que por ação do ministério e secretarias de saúde, o que poderia ter sido melhor explorado pela Enfermagem, que tem a promoção da saúde como central na sua atuação. Observou-se a necessidade de se investir no desenvolvimento de lideranças na categoria que possam atuar com maior protagonismo em prol da valorização da saúde, do SUS e da categoria, com ampla exploração de recursos digitais para realizar estas ações, diante de sua rapidez, baixo custo e atratividade (COSTA; RIZZOTTO; LOBATO, 2020).

O ensino não presencial e *on-line*, até então mal visto por alguns docentes, tornou-se mais 'compreendido' em suas potencialidades e vislumbrado como uma possibilidade de continuidade no futuro, por meio do ensino híbrido. Discentes manifestaram satisfação em poder assistir aulas em horários mais flexíveis e até mais de uma vez, quando necessário. Entretanto, ressalta-se que o uso dessa modalidade requer que os docentes sejam devidamente preparados, uma vez que seu planejamento deve ser ainda mais minucioso que o ensino presencial, diante das dificuldades da mediação do ensino à distância (SANTOS, 2020). Os discentes também precisarão ser monitorados no uso do ensino híbrido, uma vez que nem todos conseguem manter o foco e disciplina necessários.

A complexidade da pandemia que 'quase parou o mundo' trouxe à tona a necessidade de se ampliar o debate sobre a atenção em saúde e seu ensino e de se explorar novas possibilidades para o futuro. Tais reflexões fazem-se necessárias pensando em outras situações críticas passíveis de ocorrer e nas quais o ensino presencial estaria novamente impossibilitado ou dificultado, mas também em inovações que favoreçam o aprendizado de pessoas com dificuldades de deslocamento, bem como pela maior acessibilidade face aos menores custos. Será preciso criar alternativas inusitadas e intensificar outras já conhecidas, porém até então pouco exploradas, como a estratégia da 'simulação realística', amplamente utilizada em países desenvolvidos, que expõe menos os pacientes a riscos, bem como alunos e professores, o que requer investimentos.

Os problemas que acometem a saúde da sociedade precisarão ser abordados de forma ampliada para que soluções mais abrangentes sejam pensadas para dar conta da complexidade da realidade, o que nos remete aos ensinamentos de Morin (2003), para o qual somente estudos de caráter interdisciplinar darão respostas satisfatórias aos problemas da realidade. O contexto remete à necessidade de revisitar as discussões do autor, que são amplas e abarcam situações de incertezas e mudanças frequentes, tão presentes no momento. Não será possível pensar o enfrentamento dos problemas de saúde sem pensar o todo, seus determinantes e suas repercussões sociais, bem como os valores sociais e custos envolvidos, além dos recursos

existentes. A interação entre os diferentes cursos e saberes, tão preconizada, precisará ser intensificada nas estratégias de ensino.

Ao término da pandemia será preciso avaliar o ensino remoto, com seus aspectos positivos e negativos, fazendo os ajustes necessários para se buscar superar as fragilidades decorrentes do afastamento social, que não serão poucas. Além disso, investimentos precisarão ser feitos na infraestrutura dos espaços coletivos para que sejam mais salubres, valorizando-se ainda mais a questão da ventilação dos ambientes e uso de espaços abertos (CAMPOS; CAVALCANTI, 2020). Docentes, discentes, profissionais de prática e gestores em Enfermagem retornarão diferentes ao término da pandemia, cabendo a cada um o aproveitamento da experiência ocasionada pela pandemia para inovarem o seu fazer, aprimorando-o cada vez mais, pensando, inclusive, nos avanços para a saúde ocupacional e para as formas de viver, considerando a necessidade primordial de se respeitar a natureza, a vida e a coletividade.

Destaca-se a construção coletiva e atuação solidária ocorrida entre docentes de diferentes instituições e de diferentes cursos da saúde a fim de propiciar a troca de experiências e saberes que propiciassem a maior qualidade, equidade e segurança possível a todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, dificuldades essas muitas das quais foram comuns a todas as áreas (ALVIM *et al.*, 2020; SALLABERRY *et al.*, 2020; MODELSKI; GIRAFFA; CASARTELLI, 2019).

Como limitações, pontua-se a impossibilidade de apresentar dados empíricos de avaliação por parte de docentes e discentes do processo de ensino-aprendizagem. Estudos com este objetivo são recomendados. Acredita-se que este relato traz uma importante contribuição enquanto registro histórico dos inúmeros desafios enfrentados em específico na graduação em Enfermagem, e reflexões que poderão ser úteis para se pensar em novas possibilidades para a formação profissional no futuro próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de COVID-19 ocasionou mudanças e desafios em diferentes esferas da vida social, especialmente nas áreas da saúde e da educação. O ensino da Enfermagem foi ‘forçado’ a se reinventar para assegurar a continuidade da formação dos profissionais enfermeiros, tão necessários ao enfrentamento da pandemia. A retomada das atividades de ensino precisou ocorrer, prioritariamente, de forma remota diante da necessidade de proteger a vida dos discentes e docentes, uma vez que ainda não se dispunha de vacinas. Foi preciso ajustar os planos de ensino, incluindo novas metodologias e estratégias de avaliação para este formato remoto de ensino e aprender a fazer uso de novas ferramentas e plataformas digitais. O ensino clínico foi possível de ser mantido exclusivamente para estudantes no último ano do curso, os quais foram priorizados tão logo a vacinação se tornou uma realidade.

A atuação do professor e do enfermeiro foram ressaltadas na pandemia, com amplo reconhecimento social na mídia. A criatividade, adaptabilidade e colaboração mostraram-se habilidades essenciais aos profissionais para enfrentarem situações da complexidade de uma pandemia, devendo ser ainda mais valorizados na formação profissional. O SUS teve sua importância ressaltada, bem como o conhecimento científico e as tecnologias de comunicação no uso do ensino e do atendimento em saúde. As *fake news* apresentaram-se como um entrave a ser enfrentado pelos profissionais de saúde, tendo em vista seus impactos no comportamento da sociedade.

A experiência do ERE precisará ser avaliada quanto a seus resultados, e esforços dedicados em prol de se buscar reparar perdas ao máximo possível. O ensino híbrido apresenta-se como uma nova possibilidade para o pós-pandemia, mesclando os benefícios do ensino presencial e remoto. Acredita-se que o recurso da simulação realística tende a se intensificar diante dos benefícios relacionados à segurança dos envolvidos, considerando-se a possibilidade de novas crises sanitárias e limitações para a realização de atividades nos serviços de saúde. Avanços educacionais que dependem de investimentos financeiros e relacionados à capacitação dos docentes, são esperados.

O ERE foi a alternativa viável encontrada para a continuidade das atividades de ensino em meio à necessidade de se manter o afastamento social, mas não pode substituir os espaços de formação presencial, indispensáveis para a qualidade da formação em Enfermagem.

Referências

- ALVIM, C. G. *et al.* Cursos da Saúde: integração e responsabilidade social no enfrentamento da pandemia. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 10, e024774, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.24767>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/24767/20404>. Acesso em: 6 out. 2021.
- ARRUDA, E. P. Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede: Revista de Educação a Distância**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621/575>. Acesso em: 8 out. 2021.
- BRASIL. Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. **Diário Oficial da União**: República Federativa do Brasil: seção 1, Brasília, DF, 1 abr. 2020a.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 3, CNE/CES, de 7 de novembro de 2001. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Enfermagem. **Diário Oficial da União**: República Federativa do Brasil: seção 1, Brasília, DF, p. 37, 9 nov. 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 356, de 20 de março de 2020. Dispõe sobre a atuação dos alunos dos cursos da área de Saúde no combate à pandemia do COVID-19 (coronavírus). **Diário Oficial da União**: República Federativa do Brasil: seção 1, Brasília, DF, 20 mar. 2020b.
- CAMPOS, F. A. C.; CAVALCANTI, A. P. C. Partilhando em Rede: uma proposta de saberes em tempos de pandemia. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 10, e024876, 2020.
- COSTA, A. M.; RIZZOTTO, M. L. F.; LOBATO, L. V. C. Na pandemia da COVID-19, o Brasil enxerga o SUS. **Revista Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 125, p. 289-292, abr./jun. 2020.
- COUTO, E. S.; COUTO, E. S.; CRUZ, I. M. P. #FIQUEEMCASA: educação na pandemia da COVID-19. **Revista Interfaces Científicas**: Educação, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020.
- ESTELLES, M.; FISCHMAN, G. Imaginando uma Educação para a Cidadania Global pós-Covid-19. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2015566, 2020.
- HODGES, C. *et al.* The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. **EDUCAUSE Review**, [s. l.], 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 7 out. 2021.
- MODELSKI, D.; GIRAFFA, L.; CASARTELLI, A. O. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. **Educação e Pesquisa**: Revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, v. 45, e180201, 2019.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Editora Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.
- PADILHA, M. A. S.; ZABALZA, M. A. Um cenário de integração de tecnologias digitais na Educação Superior: em busca de uma coreografia didática inovadora. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 837- 863, jul./set. 2016.
- PIMENTEL, M.; CARVALHO, F. S. P. Princípios da Educação Online: para sua aula não ficar massiva nem maçante! **SBC Horizontes**, Porto Alegre, 23 maio 2020. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/05/principios-educacao-online/>. Acesso em: 6 out. 2021.
- PINTO, M.; LEITE, C. As tecnologias digitais nos percursos de sucesso acadêmico de estudantes não tradicionais do Ensino Superior. **Educação e Pesquisa**: Revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, v. 46, e216818, 2020.

SALLABERRY, J. D. *et al.* Desafios docentes em tempos de isolamento social: estudo com professores do curso de Ciências Contábeis. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 10, e024774, 2020.

SANTOS, E. *EAD, palavra proibida*. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos para hoje. Mas qual é mesmo a diferença? **E-publicações**, Rio de Janeiro, ago. 2020. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1119>. Acesso em: 7 out. 2021.

TEIXEIRA, C. F. S. *et al.* A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 3465-3474, 2020.

VENTURA, D. F. L. *et al.* Desafios da pandemia de COVID-19: por uma agenda brasileira de pesquisa em saúde global e sustentabilidade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, e00040620, 2020.

Recebido em 03/07/2021

Aceito em 07/10/2021